



## Noites de Insónia

23 novembro 2022

Dinamizador: Sérgio Guimarães de Sousa

Os Tesouros do Príncipe Turco.  
*In Vinte horas de liteira*  
de Camilo Castelo Branco.



# OS TESOUROS DO PRÍNCIPE TURCO

— **Não tens uma história de feitiços** que me contes? — disse eu ao meu amigo.

— De feitiços não me lembra história nenhuma; porém, no género mágico, posso contar-te o que sucedeu a meu tio João Manuel com o livro de S. Cipriano. Tu sabes que nunca houve Cipriano nenhum que escrevesse tal livro...

— Conheço dois santos Ciprianos: um, que padeceu martírio no tempo do imperador Valeriano, e escreveu, entre outros, o livro *Dos sucumbidos*. O outro foi bispo de Toulon, e não sei que escrevesse de magia.

— Pois a crença popular e a especulação de algum velhaco novelista da idade média inventaram que S. Cipriano, feiticeiro como S. Gil, deixara um livrinho, que descobre tesouros. Eu nunca vi este livrinho; mas meu tio João Manuel jurou que o vira em mãos de um padre de Barroso; e, de empreitada com o padre, deliberaram arrancar das entranhas da terra uns cofres de ouro soterrados pela mourisma, no tempo em que os godos desceram das suas montanhas, e a levaram de sobressalto, e a ferro, para as regiões africanas.

Meu tio João, como vês, era uma inteligência fina, um pouco escurecida pela vontade de ser rico, e fundar um convento de

frades da ordem franciscana. Os rendimentos do seu património escassamente lhe dariam a sustentação de dois frades mendicantes; e o que ele queria era poder sustentar um cento daqueles santos varões: desejo inofensivo, que lhe absolve a sede de riquezas, e piamente creio que lhe seria útil à alma tanto quanto ele quis ser útil às corporações fradescas.

Emparceirado, pois, com o padre barrosão, lançaram suas medidas, depois de reiteradas conferências, e decidiram que um dos enormes tesouros mouriscos, indicados por S. Cipriano, estava no entulho do arrasado castelo de Vermoim.

Vermoim é um altíssimo acervo de fragas, sobranceiras à freguesia daquele nome, uma légua distante de Famalicão, à esquerda da estrada de Guimarães. Da crista do monte descobrem-se verdadeiros tesouros, fertilíssimas campinas, povoações a branquejarem por entre florestas, bosques coroados pelas agulhas das torres, rios que serpenteiam por entre almargens e ervaçais, enfim, o Minho, o espetáculo prodigioso, que faz amar Portugal, e pedir a Deus nos não deixe ir tão longe no caminho do progresso material, que, ao cabo de contas, — *ao cabo de contas* é a frase própria — fiquemos sem pátria, por amor do aperfeiçoamento da matéria.

Meu tio, o padre, e um cavador da confiança de meu tio, carregado de vitualhas para um dia, e de instrumentos para as primeiras explorações, subiram, há trinta e tantos anos, ao espinhaço da serra de Vermoim. O padre era muito mais alumiado que meu tio em história. Sentou-se ele numa fraga, depois que almoçaram, e contou que um príncipe turco da Mourama vivera naquele sítio com muitas riquezas roubadas aos cristãos. Ora, este príncipe turco da Mourama, assaltado pelos lusitanos, comandados pelo rei Vamba, fugira a unhas de cavalo, depois de enterrar os tesouros. O rei vencedor entregou a defesa e posse do castelo a D. Vermuí Frojaz, fidalgo de raça visigoda, que o transmitiu aos seus descendentes; mas, no reinado de D. Sancho I, os netos do príncipe turco entraram, disfarçados em peregrinos, por Portugal dentro, até se alojarem nos paços

dos Pereiras, representantes de D. Vermuí, que os receberam com grande veneração, e mui devotamente. Dos paços ao castelo mediava meia hora de caminho fragoso. Os peregrinos, a horas mortas, saíram de sua albergaria, e foram via do castelo desamparada de esculcas em tempos de paz. As instruções, que levavam acerca do local em que as riquezas estavam, eram claras e inequívocas. Num ângulo do pátio da cisterna, ao sopé de uma seteira, é que o príncipe turco da Mourama enterrara os cofres do último rei godo, atraído pelo conde Julião e pelo bispo Opas. Os descendentes do mouro, — dizemos *mouro* para o não chamarmos sempre *príncipe turco*, em homenagem ao clérigo de Barroso — assim que puseram um engenhoso ferro às solduras das lajens depositárias do tesouro, sentiram um terramoto! Os lanços das muralhas, as barbacãs, os umbrais das balheteiras, ameias e torres, desabou tudo com fragor medonho. Os netos de Agar mal tiveram tempo de encomendar ao demónio suas almas negras, e ali se ficaram triturados à espera da trombeta do último dia. O arrasado castelo, no dia seguinte, resfolegava de suas entranhas uns vapores negros. As povoações espantadas cuidaram que um incêndio devorara os paços de D. Vermuí Frojaz.

Posto isto assim com esta clareza histórica, verdade que escapou aos cronicões dos monges, que escreveram a mitologia de Portugal, o padre barrosão disse que os tesouros deviam de estar a curta distância da cisterna, cujos bordos eram ainda visíveis na superfície escabrosa da chã, em que o castelo se sepultara. Meu tio conformou-se a este sensato parecer; e começaram nos trabalhos de escavação, depois de beberem um bom trago da borracha, tesouro que eles tinham levado, sem indicações de S. Cipriano.

O cavador abriu um fosso de oito palmos de comprimento sobre seis de largura. O desaterro dava pedaços de tijolo vermelho, e de barro negro, consistente como fragmentos de ferro fundido em panelas. Quando o cavador cansava, revezavam-se meu tio e o clérigo. Ao descair da tarde, a cova tinha quatro

palmas de profundidade, e continuava a dar cascalho de tijolo, e argamassa. O cavador, enquanto meu tio e o seu sócio dos tesouros tressuavam a escorrer, escondia-se atrás da fraga a chuchurrear na borracha, e a filosofar com ela no regaço, afagando-a tão carinhosamente, como se a razão clara lha desse a borracha, e não o raio de luz da filosofia infusa: filosofia, que por ser *infusa* em muita gente, parece-se com a da *borracha* do cavador. Desculpa tu a sensaboria do trocadilho.

O cavador ria-se, e murmurava com os lábios no bocal da vasilha para não ser ouvido: «Estes homens são brutos!»

No entanto, o padre de Barroso agachou-se na cova, e principiou a tirar seixos serapintados de manchas amarelas, e laminados sobrepostamente. Os geólogos chamariam àquilo uns silicatos: eu e tu, na cegueira da nossa ignorância, chamar-lhe-íamos pedras; mas o padre e meu tio disseram que era ouro e prata fundidos. O cavador correu à vozearia jubilosa deles, e achou-os com duas pedras entre mãos. Perguntou meu tio ao criado se já tinha visto daquilo em sua vida. «Isso são calhaus» — respondeu ele. Os dois inteligentes trocaram um sorriso de piedade entre si, como o fariam os Srs. Bocage e Andrade Corvo, se me dissessem que um certo inseto se chamava zoológicamente coleóptero, e eu lhes replicasse que o bicho é escaravelho.

O padre disse formalmente a meu tio:

— A coisa é isto, João. Aqui está o ouro e a prata derretidos. Estas pedras são dinheiro.

E, voltando-se ao cavador, ajuntou:

— Não te rias, selvagem! Se guardares segredo, tens que comer toda a tua vida.

— Eu troco o meu quinhão por uma vez de vinho — disse o filósofo.

Era noite. Desceram da serra, e foram pernoitar a Famalicão para voltarem, no dia seguinte, com comestíveis.

Como a noite dá conselho, meu tio e o padre deliberaram partir para o Porto de madrugada, e oferecer as pedras à análise de peritos para lhes determinarem o valor.

O ar misterioso com que eles se apresentaram a um ourives faceto da rua das Flores foi uma solene recomendação de sua tolice. O primeiro impulso do ourives foi dar-lhes com os dois calhaus na cabeça deles; porém, amigo de rir-se, mudou de cara, fez-se pasmado da riqueza do achado, contrastou as pedras, e exclamou cavamente:

— Onde acharam os senhores esta riqueza?

— Não to disse eu? — exclamou o padre, voltado contra meu tio, que subtilmente levantou o dedo indicador perfilado com o nariz para acautelar o companheiro das perguntas do ourives.

— Isto apareceu — respondeu o clérigo.

— Mas aonde?! — perguntou o ourives. — Este mineral é...

— Ouro e prata derretidos — acudiu meu tio.

— Justamente — obtemperou o ourives. — Ouro e prata derretidos. Os senhores vendem estes dois pedaços?

Outro sinal negativo de meu tio, que a penetração do padre traduziu nesta resposta:

— Não vendemos: queríamos só saber o valor destes objetos.

— Estes objetos — respondeu pausadamente o zombeteiro — só depois de refundidos e limpos podem ser avaliados. Mas isto, sinceramente lhes digo que tem aqui muito que roer.

— Deve-se alguma coisa? — perguntou meu tio.

— Não é nada. Se alguma vez resolverem vender, preço por preço, lembrem-se da minha casa; mas tenham cuidado com a exploração, se é em terreno baldio, porque o Estado embargalhes a mina, e senhoreia-se da propriedade. Trabalhem de noite, e muito às escondidas. Se os senhores quisessem tomar-me como sócio na exploração, eu, à proporção que se extraísse o metal em bruto, iria tratando da limpeza dele.

— Pensaremos nisso — respondeu meu tio.

À saída da loja, disse o padre ao seu radioso amigo:

— Olha o velhaco, a ver se nos lograva!...

— Pudara!... — atalhou o outro. — Não precisamos de sócios. Assim que tivermos mais alguns pedaços deste ouro, vamos vendê-los a reinos estrangeiros, porque em Portugal, se nos descobrem, obrigam-nos a dar conta da mina.

E, desde logo, se conchavaram em dizer ao cavador que as pedras não valiam dois vinténs, e fingiram que desistiam da escavação, para serem sozinhos no trabalho.

Atemorizados pela advertência do logrativo ourives, passavam as noites nas ruínas do castelo de Vermoim, e ao romper de alva, assim que os pegureiros apontavam com os rebanhos nos montados vizinhos, tomavam as espingardas, e iam à caça, sem largar de olho a escavação, e o antro formado por duas fragas, onde escondiam as pedras desentulhadas.

Meu tio escreveu então uma carta a um frade franciscano de Guimarães, prevenindo-o que dentro de dois anos o seu pensamento de fundar um convento com cem frades seria realizado. No entanto, pedia-lhe que não cessasse de orar em benefício de uma empresa contra a qual o poder de Satanás havia de conspirar.

O frade riu-se, e pediu ao Senhor que desse juízo a meu pobre tio.

Os desígnios do padre Barrosão eram menos modestos, mas igualmente endereçados ao bem da cristandade. A sua intenção era ir a Roma, e voltar de lá com uma mitra, ou duas, visto que tinha um sobrinho padre.

Ao cabo de três semanas de trabalho, as pedras escolhidas pesavam dez arrobas. Transportaram-nas aos poucos, e com grandes resguardos, para uma aldeia das abas da serra, e daí, em bestas que foram da minha terra, levaram-nas por caminhos transversais até as depositarem furtivamente na choça de moinho abandonado na garganta de um monte. Desculpa as miudezas descritivas. Eu penso muitas vezes nesta desgraça de meu tio, que por amor dos frades se finou. Para si não queria ele nada, que lhe sobejava muito do pouco com que vivia. Foi a ideia do convento que o matou!

— Sabes dizer-me se o Octávio Feuillet sabia a história de teu tio João? — perguntei.

— A pergunta parece-me do padre de Barroso! — respondeu António Joaquim.

— É que o romancista francês conta de uma ilustre velha que morreu devorada das impotentes ânsias de fundar uma catedral. Lerias tu o *Romance de um Moço Pobre*, e estás aí a improvisar uma história que me obrigará a mentir pela primeira vez ao público?

— Não: conto-te uma desgraça. Meu tio João e o padre de Barroso partiram para Espanha, na intenção de venderem nas principais cidades da Europa o seu ouro derretido. O joalheiro, a quem primeiro se dirigiram em Madrid, desenganou-os, dizendo-lhes que aquelas pedras eram boas para atirar às matilhas de cães noctívagos que infestavam as ruas.

Os infelizes, estupefactos, reagiram contra a zombaria do ourives, e foram consultar outros. De aí a horas, meu tio e o padre eram presa dos gaiatos, que lhes saíam às esquinas pedindo-lhes uma peseta de ouro derretido.

Fugiram espavoridos de Madrid, quando a invasão dos garotos, vingando as afrontas de 1640, não respeitava já as vítimas portuguesas na estalagem, e deixaram as dez arrobas de pedra no quarto de onde fugiram.

O tristíssimo agora é isto: meu tio João chegou a casa mentecapto. Envelhecera vinte anos nos vinte dias de ausência. Fugia, sempre que se descuidavam em casa, para um convento de franciscanos bracarenses, ou para outros, onde ia recrutar os cem frades instaladores da sua comunidade. Finalmente, morreu. O padre de Barroso era mais robusto de alma e de corpo. As suas crenças religiosas abalaram-se algum tanto por causa de S. Cipriano, cuja impostura lhe pareceu não só desprezível, mas atentatória da fé e piedade de um sincero cristão. Em consequência do quê, fez-se liberal, entrou nas batalhas da liberdade como capelão de um regimento; chegou a cónego da patriarcal, e estava indigitado bispo, quando a

misericórdia divina, compadecida do bispado incerto, o levou desta vida.

A máxima responsabilidade da demência de meu tio João, e da conezia do padre de Barroso, pesa sobre a consciência do ourives do Porto.

*In Vinte horas de liteira,*  
de Camilo Castelo Branco